

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIE LISBOA: DIRECTOR'S CUT
30 DE ABRIL E 4 DE MAIO DE 2022

PRISM / 2021

Um filme de An van. Dienderen,
Rosine Mfetgo Mbakam e Eléonore Yameogo

Realização e Argumento: An van. Dienderen, Rosine Mfetgo Mbakam e Eléonore Yameogo / Direção de Fotografia: Léo Lefèvre, Phillippe Radoux / Montagem: Geoffroy Cernaix, Nina de Vroome, Effi Weiss / Som: Pascal Moreau, Bruno Schweisguth, Loic Villiot / Música: Simon Winsé / Interpretação: Sylvestre Amoussou, Jean-Dominique Burton, David Fricker, Tella Kpomahou, Patrick Leboutte, Moya Michael

Produção: Onezik, Tândor Productions / Produtora: Natalie Gielen / Cópia: dcp, cor, com legendas eletrónicas em português / Duração: 78 minutos / Estreia Internacional: 26 de Setembro de 2021 (New York Film Festival) / Exibição inédita em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca

PRISM é um documentário colaborativo, iniciado por An van. Dienderen, que analisa as linhas de ideológicas e de poder inscritas na tecnologia cinematográfica, nomeadamente nas limitações técnicas e práticas da calibração de cores e nas dificuldades encontradas na visibilidade da pele negra por parte das câmaras de filmar. Esta questão tem, nos últimos anos, sido desenvolvida pela realizadora Belga, que em 2015 realizou a curta-metragem LILI, que questiona certos procedimentos de calibração, muito utilizados ao longo do século XX, nos quais uma modelo de pele branca, denominada *china girl*, é usada para assegurar a calibração da imagem. Esta tecnologia, que se conjuga entre os materiais e as práticas, forma uma estrutura normativa da cor e da luminosidade adaptada e dominada pela pele branca, numa linha que vai de composição das emulsões da película, que ao longo de vários anos não tinham em atenção o contraste entre as diferentes nuances das cores escuras (a título de curiosidade, as primeiras reclamações sobre a dificuldade de distinção dos tons de castanho e preto nas emulsões da película da Kodak foram feitas por empresas relacionadas com a venda de chocolate e de mobília), até à imagem digital e ao reconhecimento dos contrastes por parte dos sensores da câmara.

Dienderen convida duas realizadoras, Rosine Mfetgo Mbakam originária de Camarões e Eléonore Yameogo, de Burkina Faso, a realizarem, cada uma, um ensaio fílmico sobre as suas experiências com na representação das suas cores, as suas realidades e as suas culturas na relação com o cinema enquanto técnica. Começando com uma conversa em *Skype*, que permeia os três capítulos que o configuram, e com o seu exercício, um plano em *travelling* que desemboca num estúdio cinzento em que estão presentes uma pessoa branca e outra negra, demonstrando a dificuldade em nivelar corretamente a cor dos dois, Dienderen dá o mote e cria, deste modo, um espaço de discussão e de

experimentação que vê esta questão de acordo com uma navegação política, ideológica, pessoal e estética, num problema vivo, ou seja, em necessidade de constante consciencialização e atualização. O seu lado experimental é suscitado na procura por modos técnicos, filosóficos e culturais de representar a pele negra, e de possibilitação de apresentação de uma realidade livre de condicionamentos culturais.

O capítulo de Rosine Mbakam, sem dúvida o mais pessoal e ideológico, cria-se, entre a revolta e o entendimento de um mundo a partir de uma confluência de narrativas e perspectivas sobre a câmara como instrumento "colonizador" nos seus mais diferentes aspetos. Partindo da pintura *Portrait de Madeleine*, ou *Portrait d'une Nègresse* (1800) de Marie-Guillemine Benoist, traçando uma linha entre as condições "colonialistas" da representação estética da figura retratada e a sua experiência na Bélgica, onde estudou cinema, unindo a perspectiva história do colonialismo com uma ideia contemporânea de neocolonialismo que opera na base do estigma. Neste percurso, retorna ao espaço da escola e ao seu sentimento enquanto realizadora africana num meio em que a sua realidade cultural quase nunca é realmente retratada na academia. Conjugando a sua visão com a perspectiva dos seus professores, acrescenta uma dimensão mais essencialista do cinema que encara a câmara como instrumento de inevitável dominação dos objetos que captura no seu enquadramento, ideia que a faz questionar-se a si própria e ao seu próprio trabalho.

Numa vertente mais técnica da representação da pele, Eléonore Yameogo dá-nos o exemplo da atriz Tella Kphomahou, que denota uma profunda diferença entre o seu trabalho no teatro, onde a luminosidade da sua pele é realçada, e no cinema, no qual vê uma grande dificuldade dos técnicos em iluminar e tornar a sua pele visível. Neste contexto a atriz entrevista um realizador, uma maquilhadora e uma operadora de câmara, falando sobre os diversos detalhes a ter em conta para poderem capturar a riqueza dos tons da pele negra, apoiando a ideia de que existe uma grande necessidade de perceber a singularidade de cada pessoa e de cada situação de maneira para obter resultados que lhes façam justiça, assim como à própria realidade estética da imagem.

Na sua navegação tecnológica e ideológica, PRISM suscita uma importante consciencialização para cineastas, mas também para audiência, sobre as condições representativas da imagem fotográfica e cinematográfica, constituindo-se em volta das problemáticas de uma visibilidade que tanto parte da câmara como dos nossos olhos. É um filme sobre tons e nuances, presentes na imagem, mas também nas ideologias e nos conceitos de poder que ora condicionam, ora potenciam a criação de novas expressões artísticas e culturais.

Manuel João Montenegro